

O Autismo no Contexto Familiar**Autism in the Family Context**

DOI:10.34117/bjdv6n1-222

Recebimento dos originais: 30/11/2019

Aceitação para publicação: 21/01/2020

Rogério Nazário de Oliveira

Professor/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Neurociência da Faculdade Prominas

E -mail: profolliveira@gmail.com

Matheus Rodrigues Nóbrega

Estudante/pesquisador do Curso de Medicina da Faculdade de Ciências Médicas

E -mail: matheusjpnobrega@hotmail.com

Laura Oliveira Rolim Carvalho

Estudante/pesquisadora do Curso de Medicina da Faculdade Integrada de Patos

E -mail: Lauraroliim123@gmail.com

Lúcia Gonçalves Loura Mendes

Professora/Gestora da Secretaria Municipal de Educação de Capim Branco/MG

E -mail: lucialouramendes@yahoo.com.br

Jani Pereira

Professora/Gestora da Secretaria Municipal de Educação de Matozinhos/MG

E -mail: janipereira@yahoo.com.br

Victor Rafael Oliveira Franca

Professor/pesquisador do Centro Universitário Claretiano

E -mail: vitorrafaeloliveira@hotmail.com

Patrícia do Couto Almeida

Professora/pesquisadora da Fafi- BH

E -mail: patalmeida2000@yahoo.com.br

Jane Virginia Lopes

Enfermeira/pesquisadora do CEFEMG

E -mail: janevirginalopes@yahoo.co

RESUMO

O autismo face à relevância e dimensões dos seus comportamentos, estabelece a necessidade significativa de atenção e responsabilidades por parte dos familiares da pessoa autista, mobilizando-os a se ajustarem em uma série de novas incumbências. O presente artigo trata, através de uma revisão de literatura, das decorrências e impactos do autismo no seio familiar e teve como objetivo verificar como as famílias, ao receberem um diagnóstico de autismo, são afetadas e conseguem se adaptar no decorrer do ciclo de vida da criança. A metodologia utilizada para a construção do arcabouço teórico do presente trabalho, baseou-se em uma pesquisa bibliográfica realizada no período de janeiro à junho de 2019 e buscou embasamento em livros, revistas e artigos científicos atuais. Para esse fim, autores como: Sprovieri (2001), Bosa (2006), Mello (2007), Pereira (2011), Zanatta (2014), Pinto *et al.*, (2016), Lopes (2018), entre outros, nortearam a composição dessa pesquisa sobre autismo e que tiveram a oportunidade de identificar as situações cotidianas, bem como os impactos nas mais variadas famílias que recebem o diagnóstico de um membro com autismo no ambiente familiar e constatou-se que inicialmente aparece o medo, a sensação de solidão e desamparo. Os resultados sugerem que nos contextos familiares que operam com harmonia, respeito, equilíbrio emocional e buscam o devido suporte médico e psicológico, após essa fase inicial que os especialistas no assunto chamam de luto, as famílias conseguem auxiliar a criança a se desenvolver e adquirir autonomia.

Palavras-Chave: Autismo. Família. Inclusão.

ABSTRACT

Autism, given the relevance and dimensions of their behaviors, establishes the significant need for attention and responsibilities on the part of family members of the autistic person, mobilizing them to adjust to a series of new tasks. This article deals, through a literature review, of the consequences and impacts of autism in the family and aimed to verify how families, when receiving a diagnosis of autism, are affected and are able to adapt over the life cycle of the family. kid. The methodology used for the construction of the theoretical framework of the present work, was based on a bibliographic research carried out from January to June 2019 and sought support in current books, magazines and scientific articles. To that end, authors such as: Sprovieri (2001), Bosa (2006), Mello (2007), Pereira (2011), Zanatta (2014), Pinto *et al.*, (2016), Lopes (2018), among others, guided the composition of this research on autism and which had the opportunity to identify everyday situations, as well as the impacts on the most varied families that receive the diagnosis of a member with autism in the family environment and it was found that initially fear, the feeling of loneliness and helplessness. The results suggest that in family contexts that operate with harmony, respect, emotional balance and seek appropriate medical and psychological support, after this initial phase that experts in the subject call mourning, families are able to help the child to develop and acquire autonomy .

Keywords: Autism. Family. Inclusion.

1 INTRODUÇÃO

O autismo é um transtorno que por suas características clínicas impõe a necessidade de uma adaptação no cenário familiar, onde para muitas pessoas próximas a descoberta de um parente com autismo é uma fase complexa, que passa pela sensação de culpa e medo, até a superação do choque inicial e a predominância da sensibilidade e da afetividade que normalmente promove a união, mobilidade e adaptação dos parentes em torno da criança.

Por ser uma situação nova, inusitada e inesperada na vida das famílias, quando surge uma criança autista, os cuidados e a dependência em relação aos pais são intensificadas e, de modo geral ocorre uma situação de impacto e transformações nas vidas dos envolvidos, onde é necessário rever os planos e as expectativas para o futuro da criança e dos pais. Por consequência, o clima emocional e o ambiente parental são alterados na proporção em que ocorrem quebras e modificações nas atividades rotineiras, regularmente vivenciadas pela família.

Considerando tais aspectos, questiona-se como as famílias podem ser afetadas e reagem ao impacto do nascimento e do crescimento de uma criança autista, que, no decorrer de sua vida necessitará de cuidados especiais?

Perante essa questão, o presente artigo tem por objetivo abordar as decorrências e impactos do autismo no seio familiar e teve como objetivo verificar como as famílias, ao receberem um diagnóstico de autismo, são afetadas e conseguem se adaptar no decorrer do ciclo de vida da criança. Na medida em que considera a natureza crônica do autismo e busca verificar como as famílias são afetadas, ao longo do seu ciclo vital, especialmente como ocorre a adaptação materna e de que maneira isso afeta a construção da autonomia da pessoa autista.

A família é o principal elo entre a criança e o mundo, sendo a partir dessa conexão que suas relações serão definidas e desenvolvidas, pois as vivências é que definirão as formas de interação social. No caso da criança autista, a família torna-se muito mais importante e essa interação necessita ser melhor estudada e equilibrada para garantir o desenvolvimento dessa criança de forma qualitativa.

No esforço por encontrar maiores esclarecimentos à questão norteadora deste estudo, efetuou-se pesquisa bibliográfica realizada no período de janeiro à junho de 2019, junto aos autores Sprovieri (2001), Bosa (2006), Mello (2007), Pereira (2011), Zanatta (2014), Pinto *et al.*, (2016), Lopes (2018), entre outros. Onde é importante consultar livros, artigos e periódicos sobre a temática do autismo na família, além de estudos já realizados com crianças

autistas e seus familiares, apresentando alguns resultados que serão importantes para o desenvolvimento, assim como para a conclusão deste trabalho.

2 DESENVOLVIMENTO

O autismo no decurso do tempo, teve sua história marcada por vários conceitos e nomenclaturas. Entretanto, atualmente é utilizada a seguinte terminologia: Transtorno do Espectro do Autista (TEA), que é caracterizado por um distúrbio do neurodesenvolvimento apresentando um comprometimento funcional, evidenciando déficits na interação social e na comunicação, padrões de comportamento repetitivos e estereotipados e um repertório restrito de interesses e atividades (MELLO, 2007; OTTO, 2013). Tem-se como primeira descrição dessa síndrome, segundo Bosa e Callias (2000), que foi retratada por *Leo Kanner*, psiquiatra austríaco radicado nos Estados Unidos que em 1943, onze crianças apresentaram casos com uma característica em comum que seria a incapacidade de se relacionarem com outras pessoas e severos distúrbios de linguagem e uma preocupação obsessiva pelo que é imutável. Kanner foi o primeiro a descrever o autismo infantil clássico, identificou essas características como autismo infantil, considerando-o uma categoria independente da esquizofrenia.

Porém, após as considerações feitas por Kaner, Rutter (1985), na década de 1970, entendeu que seria necessário distinguir o que eram as severas desordens mentais, surgidas na infância e as psicoses cujo aparecimento se fazia mais tarde (BOSA; CALLIAS, 2000). Sobre esse aspecto, os autores afirmam que:

Considerando que uma séria anormalidade no processo de desenvolvimento *per se* está presente desde cedo na vida da criança (evidência dessa desordem deve ser aparente nos primeiros 36 meses de vida de acordo com o DSM-IV/APA (1994), o termo 'transtornos invasivos do desenvolvimento' tem sido adotado, desde a década de 80. (BOSA; CALLIAS, 2000, p.25).

As causas e origens do autismo ainda são desconhecidas, no entanto, pesquisadores sugerem que os fatores genéticos, neurológicos e sociais da criança, ocorrem com maior frequência em meninos com uma prevalência de 70 casos para cada 10.000 habitantes e, no Brasil pesquisas recentes apontam para 27,2 casos para cada 10.000 habitantes (PINTO *et al.*, 2016).

Diante do exposto, o diagnóstico precoce é um fator essencial para o tratamento do autismo e para isso é necessário que os pais, responsáveis e cuidadores tenham conhecimento

dos sintomas e comportamentos característicos que se iniciam antes dos 3 anos de idade. São características padrões como a dificuldade de comunicação e interação social e principalmente com relação ao restrito ciclo de atividades e interesses (PINTO *et al.*, 2016). Já na visão de Pereira (2011), as principais características do autismo são:

1. Respostas anormais a estímulos auditivos; 2. Pouco contato visual com as pessoas; 3. Ausência ou atraso de linguagem nos primeiros anos de vida; 4. O comportamento baseado em rotinas; resistência a mudanças; 5. Dificuldades no desenvolvimento das habilidades físicas, sociais e de aprendizagem; 6. Autodestruição ou comportamentos agressivos com outras pessoas; 7. Fascinação por objetos rotativos, como ventiladores, piões etc.;
8. Choro ou riso incontroláveis e sem motivo; 9. Reação exagerada a estímulos sensoriais, como luz, dor ou som (PEREIRA, 2011, p.52).

O diagnóstico de um caso de autismo em uma família inicialmente é estressante e bastante confuso, ocasionando comprometimentos e mudanças de ordem afetivo-emocional, tanto na criança quanto nos pais. Para Maia Filho *et al.* (2016, p.4), “a família apresenta dificuldades em lidar com este tipo de situação, podendo desenvolver posturas e atitudes inadequadas que não contribuirão para o desenvolvimento da criança nem trarão equilíbrio da dinâmica familiar”. Dessa forma, o autismo é um tipo de transtorno agrupado aos Transtornos Global do Desenvolvimento (TGD), é considerado um dos transtornos de desenvolvimento mais comuns, do qual os impactos alçam a pessoa diagnosticada, bem como seu contexto social e familiar (Fombonne, 2009).

Para os autores Andrade; Teodoro (2012), a ocorrência de uma doença crônica na família ocasiona um quadro de mudança que implica no entrelaçamento de três fios evolutivos que são doença, os ciclos de vida da pessoa e as famílias e, portanto, a adaptação familiar a este contexto depende de muitas variáveis que não ocorrem de maneira linear e progressiva. Já Sprovieri (2001, 77), entende que:

A definição de autismo corrobora que ele compromete seriamente o grupo familiar quando esta passa a viver com o problema. Usualmente, as relações familiares são naturalmente afetadas quando um elemento de seu grupo apresenta uma doença. As limitações vivenciadas frente à doença levam-na a experimentar alguns tipos de limitação permanente, que são percebidos em sua capacidade adaptativa ao longo do desenvolvimento. Assim, o autismo do filho coloca os pais frente a emoções de luto pela perda da criança saudável que esperavam. Apresentam, por isso, sentimentos de desvalia por terem sido escolhidos para viver essa experiência dolorosa.

Pereira (2011, p.51), enfatiza que a “participação, o amor e a dedicação da família para o tratamento é a saída para driblar a falta de recursos financeiros destinados a pagar tratamentos caros, a falta de informação sobre o assunto e a escassez de profissionais especializados”.

Complementado, Semensato; Schmidt; Bosa (2010), ainda entendem que há uma grande sobrecarga estressora sobre mães, como as responsabilidades corriqueiras, as consultas com os diversos profissionais, que tomam todo o tempo não sobrando espaços para cuidados pessoais e de outras relações, demonstrando a necessidade eminente de intervenções que levem em consideração toda a unidade familiar. A família é obrigada a dar conta de tudo e sem apoio especializado vê aumentar as ocorrências de tensão física e psicológica, culpa e risco de crise nas mães, com casos graves de estresse, depressão e ansiedade.

Ao investigar o contexto da revelação do diagnóstico do autismo e o impacto nas relações familiares Pinto *et al.*, (2016), por meio de entrevistas aos familiares de crianças com diagnóstico de TEA, constataram que a revelação do autismo foi muito difícil e que a maioria, no início, buscou na negação uma estratégia de fuga. Essa negação, segundo os pesquisadores citados, é uma das fases em que passam os familiares que recebem o diagnóstico de uma doença, fazendo-os vivenciar as mesmas fases do luto, sendo uma adaptação que geralmente atravessam quando perdem algo significativo ou almejado.

Outro ponto importante é a maneira com o transtorno é comunicado aos familiares. Muitos pesquisadores enfatizam que a sensibilidade e o zelo com a informação acerca do diagnóstico de autismo, deveria ser uma das principais formas de demonstrar cuidado ao apresentarem suas considerações. Visto que, de acordo com os familiares, a comunicação no momento da indicação de que a criança é autista, ocorre de forma rápida, direta e fria, sem elaboração e uma preparação prévia de informações sobre o autismo antes de uma comunicação oficial, mesmo vindo por parte de profissionais competentes e preparados.

Em sua pesquisa acerca do Transtorno do Espectro Autista, Maia Filho *et al.*, (2016), buscavam relacionar a importância da família no cuidado da criança autista. As respostas encontradas pelos autores, sobre como ocorreu a revelação, foram divididas entre pais que aceitaram de maneira normal, e de pais que precisaram passar pelo período do luto, mas muitos disseram se conformar e aceitar rápido, até porque a maioria deles já tinham casos de autismo na família. Dos 18 pais entrevistados, 3 apresentaram casos de extrema negação e depressão, custando a aceitar o diagnóstico.

Porém, esses mesmos pesquisadores afirmam que os pais que receberam o diagnóstico de forma branda, calma e com explicações detalhadas de como agir e procurar ajuda, sempre incentivando a acolher, amar e buscar ajuda profissional, obtiveram melhores resultados em transpor o choque inicial e se mostraram mais abertos as adaptações e mudanças que teriam que enfrentar nas esferas familiar, educacional e social.

Ao buscar relatos de experiências parentais de familiares com autismo, Semensato; Schmidt; Bosa (2010), fizeram um estudo com 7 mães de crianças autistas objetivando relatar o manejo de comportamento; as relações com profissionais e serviços de saúde e a influência das relações familiares e envolvimento no cuidado com o filho, buscando entender como ocorreu essa compreensão da doença e como ocorre o manejo dos comportamentos e suas dificuldades, o apoio especializado e como ocorrem as relações familiares com a criança autista e os demais familiares.

Para essas mães que fizeram parte do estudo, o sentimento de impotência é frequente, desde os cuidados inerentes ao dia a dia com a criança autista até as situações graves como doenças ou mudanças da rotina, que geram comportamentos inadequados, que foram associados por exemplo, à dificuldade de entender e manejar atitudes dos filhos com TEA, como rasgar as roupas, rejeitar alimentos e se auto agredir. Nesses casos, essas condutas reforçam os problemas de comportamentos das crianças, sendo importante modificar a estratégia com orientação e informação de especialistas.

O cuidado com a criança autista requer dos pais um dinamismo diário, pois o autista não apresenta o mesmo comportamento todos os dias, embora os sintomas sejam sempre os mesmos: isolamento social, rotinas e comportamentos repetitivos, risos inapropriados, retardo ou dificuldade na comunicação, ecolalia, fixação por girar objetos. Eles não respondem aos métodos normais de aprendizagem, não mantêm contato visual, possuem resistência ao contato físico, são auto agressivos. Entretanto, o que muda é a forma com que a criança manifesta o seu comportamento, que se modifica diariamente. Isto exige da família, a cada momento, a descoberta de novas formas de atuar frente ao transtorno autístico (VIDEBECK, 2012 *apud* ZANATTA *et al.*, 2014, p. 274).

Aos familiares, é importante que adotem condutas adequadas no enfrentamento das diversas situações que acometerão seus filhos autistas, já que há uma situação de vulnerabilidade por parte da criança que causa inicialmente total dependência dos pais, particularmente da mãe. É uma rotina de cuidados árdua, difícil e cansativa tanto pelo

esforço físico quanto pelo desgaste emocional, principalmente quando é realizado apenas por uma pessoa, geralmente a genitora (ZANATTA, *et al.*, 2014).

Outro aspecto importante é o isolamento social, apresentado na pesquisa de Zanata *et al.* (2014), que aponta para o fato de que grande parte dos familiares se isolam ao descobrir um filho autista, com medo da reação das pessoas e ante a reação das outras crianças. Muitos não entendem as situações que ocorrem e julgam, recriminam e criam situações desagradáveis, que para os pais é melhor evitar.

Logo, é fundamental a adoção de algumas mudanças no grupo de parentes da pessoa autista, havendo mais flexibilidade e menos rigidez nos padrões familiares para que ocorra o desenvolvimento individual, familiar e social. Do mesmo modo, também é muito importante que os pais exercitem e fortaleçam o equilíbrio das emoções em função dos comprometimentos presentes no autismo, particularmente no que se refere as formas de agir e reagir da pessoa autista e seus familiares em situações inesperadas. É preciso haver o envolvimento de todos os familiares no tratamento, na frequência às instituições educacionais, para que cada familiar possa exercer sua individualidade, e a criança autista possa interagir externamente (SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JR., 2001).

Em nosso estudo, as famílias assintomáticas foram consideradas mais facilitadoras da saúde emocional. A comunicação nessas famílias é mais clara. A liderança se mostra flexível. Os membros da família podem expressar sua agressividade e, ao mesmo tempo, ter espaço para a afeição física com a troca de carinho. A individualização de cada membro está presente, sem comprometer a integração do grupo familiar. O casal tem autoestima adequada e se diferencia na interação conjugal. Enfim, nestas famílias existe a possibilidade de crescimento tanto individual quanto familiar e, nelas, os pais têm maior condição de resgatar experiências não-vividas através da educação de seus filhos e por eles são estimulados ao corresponderem às expectativas do social (SPROVIERI; ASSUMPÇÃO JR, 2011, p.235).

Sob outro prisma, os principais fatores que influenciam negativamente a adaptação materna no contexto de um diagnóstico autista, segundo Meimes *et al.* (2015, p.419), destacam-se:

A falta de apoio social e conjugal, pouco acesso aos serviços de saúde, sobrecarga materna devido às características infantis, desafios impostos pela doença, dificuldades em observar aspectos positivos nas habilidades infantis. Somam-se a isso, as dificuldades em rever as estratégias de enfrentamento da doença, além da abdicação à vida profissional que incide negativamente no impacto do diagnóstico na vida social da mãe. Sabe-se que a capacidade parental de identificar habilidades nas crianças, sejam estas com desenvolvimento típico ou com autismo, gera ganhos à adaptação familiar. Contudo, para que isso ocorra é necessário que o impacto do diagnóstico seja mediado por uma rede de apoio social, pela percepção e identificação dos recursos intra e extrafamiliares, por estratégias efetivas de enfrentamento e pela qualidade oferecida pelos sistemas de saúde.

É importante incluir a família como parte do tratamento de uma criança autista, pois ela é essencial para promover o desenvolvimento e a autonomia desse indivíduo, preparando-o para o futuro. Lopes (2018, p.57), enfatiza que “qualquer tratamento deve incluir o treinamento da família (pais, cuidadores, avós, tios, irmãos, babás), o que trará grande benefício para a construção e o progresso da autonomia de uma criança com síndrome autista”. Nesse mesmo segmento, os familiares devem almejar o desenvolvimento de suas habilidades emocionais, já que essa é uma competência que irá contribuir significativamente para que possam se adaptar melhor às circunstâncias atípicas e desafiadoras inerentes ao Transtorno de Espectro de Autismo.

É relevante enfatizar a assistência médica, psicológica e pedagógica são imprescindíveis para que os familiares possam se ajudar e ajudar a criança autista a se desenvolver com autonomia, inclusão em todos os segmentos da sociedade e qualidade de vida, pois uma família forte, serena e tranquila e que identifica os sintomas do autismo logo no início, conseguem se ajudar mutuamente para cuidar dessa criança de maneira mais efetiva e com a participação de todos

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar o diagnóstico de autismo e como as famílias são afetadas, ao longo do seu ciclo vital, principalmente como ocorre a adaptação dos genitores e como isso afeta na construção da autonomia do sujeito, este trabalho deparou-se com fato de que a negação e a culpa têm no primeiro momento um efeito preponderante, para que depois os pais aceitassem e buscassem ajuda para seus filhos autistas.

As mudanças que ocorrem na família ao receber um diagnóstico de autismo são grandes e afetam a todos os familiares, porém, principalmente a mãe que é quem mais ainda

se dedica integralmente para o cuidado da criança. O fato é que a família exerce um papel primordial na vida da criança autista e por mais que ela não esteja preparada para as situações e as transformações que ocorrem, ela precisa compreender e aceitar, regular as emoções e tomar as melhores decisões para lidar com desafios inéditos, ajustar-se à nova realidade e procurar ajuda profissional para diminuir os problemas que possivelmente seguiram ciclo de vida dessa pessoa, o filho autista.

Quando a família se envolve completamente, além de facilitar o processo de desenvolvimento dessa criança, permite que ela cresça com mais autonomia e em um ambiente fortificado, harmonioso e com segurança.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aline Abreu; TEORODO, Maycoln Leôni Martins. Família e autismo: uma revisão da literatura. In: **Contextos clínicos**, v.5, n.2, p.133-142, jul.-dez./ 2012.

BOSA, Cleonice Alves. Autismo: intervenções psicoeducacionais. In: **Revista Brasileira de Psiquiatria**, 2006.

BOSA, Cleonice Alves; CALLIAS, Maria. Autismo: breve revisão de diferentes abordagens. In: **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.13, n.1, p.01-17. 2000.

FOMBONNE, E. Epidemiology of pervasive developmental disorders. In: **Pediatric Residence**, 65(6), p.591-598. 2009.

LOPES, Claudio Neves. Autismo e família: o desenvolvimento da autonomia de um adolescente com síndrome de Asperger e a relação familiar. In: **Revista Diálogos e Perspectivas em Educação Especial**, v.5, n.1, p.53-66, Jan.-Jun./ 2018.

MAIA FILHO, Antônio Luiz Martins *et al.* A importância da família no cuidado da criança autista. In: **Revista saúde em foco**, v. 3, n.1. Teresina, jan./jun. 2016.

MEIMES, Maíra Ainhoren; SALDANHA, Helena Castro; BOSA, Cleonice Alves. Adaptação materna ao Transtorno do Espectro Autismo: Relações entre crenças, sentimentos e fatores psicossociais. In: **Revista Psico**, v. 46, n.4, p. 412-422. Porto Alegre, out-dez/ 2015. Disponível em:

<<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

MELLO, A. M. S. R. Autismo: guia prático. In: **Ama - Associação de Amigos do Autista**, v.5 p.104. Brasília: CORDE, 2007.

PEREIRA, Cyelle Carmem Vasconcelos. Autismo e família: participação dos pais no tratamento e desenvolvimento dos filhos autistas. In: **Revista de Ciências da Saúde**, v. 9, n.2.Facene/Famene. 2011.

PINTO, Rayssa Naftaly Muniz; *et al.* Autismo infantil: impacto do diagnóstico e repercussões nas relações familiares. In: **Revista Gaucha de Enfermagem**, v.37, n.3. 2016. Disponível em www.scielo.br/rgenf. Acesso em 30 abr. 2019.

SEMENSATO, Márcia Rejane; SCHMIDT, Carlo; BOSA, Cleonice Alves. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais. In: **Aletheia**, v.32, p.183-194, mai-ago/2010.

SPROVIERI, M H. Dinâmica familiar de crianças autistas. In: **Arq. Neuropsiquiatria**. 2001. Disponível em: < <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico>>. Acesso em: 02 mai. 2019.

ZANATTA, Elizangela Argenta, *et al.* Cotidiano de famílias que convivem com o autismo infantil. In: **Revista Baiana de Enfermagem**, v.28, n.3, p.271-282. Salvador set-dez/ 2014.

